

Riscos à saúde no trabalho dos agentes comunitários de saúde do município de Alto Caparaó, MG



Dayse Tavares¹, daysetavarest@hotmail.com; **Soraya Lúcia do Carmo da Silva Loures**²;
Marcus Ferreira Martins³

1. Especialista em Enfermagem do Trabalho pela Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG;
2. Mestre em Saúde e Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Caratinga (UNEC); professora na Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG;
3. Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Vale do Rio Verde, Betim, MG; coordenador do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Minas, Muriaé, MG.

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa transversal, com abordagem quali-quantitativa, em que foram questionados aos agentes comunitários de saúde dos PSF's Vale das Hortências I e II do Alto Caparaó. Após a análise e discussão dos dados, pode-se concluir que muitos são os riscos aos quais esses trabalhadores estão expostos e que estão relacionados principalmente aos riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e psicológicos existentes no ambiente de trabalho, e que há falta de treinamento com relação a métodos preventivos de acidentes de trabalho.

Palavras-chave: agentes comunitários de saúde, riscos à saúde, qualidade de vida no trabalho.

RESUMEN: **Riesgos para la salud en el trabajo de los agentes de salud comunitarios en el Alto Caparaó, MG.** Este trabajo identifica los principales



riesgos de salud en el trabajo de ASC en Alto Caparaó (MG). Se trata de un estudio transversal, con abordaje cualitativo y cuantitativo, que se les pidió a los trabajadores de salud comunitarios de PSF Vale das Hortências I y II de Alto Caparaó. Tras el análisis y discusión de los datos, fue posible concluir que hay muchos riesgos a que están expuestos los trabajadores y los que están relacionados principalmente con la física, química, biológica, ergonómica y psicológica existente en el lugar de trabajo, y hay una falta de formación sobre los métodos de prevención de la siniestralidad laboral.

Palabras llave: los trabajadores comunitarios de salud, riesgos para la salud, calidad de vida en el trabajo.

ABSTRACT: Health risks in the work of community health workers in Alto Caparaó, MG. This work identified major health risks in the work of CHW in Alto Caparaó (MG). This is a cross-sectional study with qualitative and quantitative approach, which were asked to community health workers of PSF Vale das Hortências I and II of Alto Caparaó. After analysis and discussion of the data, it was possible to conclude that there are many risks to which workers are exposed and those that are mainly related to the physical, chemical, biological, ergonomic and psychological existing in the workplace, and there is a lack of training regarding to preventive methods of workplace accidents.

Keywords: community health workers, health risks, quality of life at work.

Introdução

O trabalho deve ser entendido como todo esforço que o homem executa para atingir seus objetivos em consonância com os princípios éticos, usando sua capacidade física e mental (ROSSI; CONTRERA-MORENO, 2006). Risco significa toda e qualquer possibilidade que possa causar dano à saúde do trabalhador

advindo de algum elemento ou circunstância existente no processo do trabalho e no ambiente, seja por acidentes, doenças ou sofrimento dos trabalhadores, ou ainda pela poluição ambiental, sendo que os riscos no trabalho podem afetar não somente o corpo físico, mas o trabalhador como pessoa e parte de uma família (PORTO, 2000).

Estima-se que anualmente morrem cerca de dois milhões de homens e mulheres devido a acidentes de trabalho e a doenças profissionais. Em todo o mundo, ocorrem por ano cerca de 270 milhões de acidentes de trabalho e são registrados mais de 160 milhões de doenças profissionais. Calcula-se que 4% do produto interno bruto (PIB) mundial é gasto com doenças profissionais, absenteísmo no trabalho, adoecimentos, tratamentos e pensões (OIT, 2010). O número de lesões graves apresentou diminuição significativa nos países mais industrializados, mas isso se deve às mudanças no trabalho industrial. Novas formas de adoecer, porém, aumentaram como, por exemplo, afecções músculo-esqueléticas, estresse, problemas psíquicos, reações asmáticas e alérgicas, problemas decorrentes da exposição a agentes tóxicos e cancerígenos (LANCMAN; SZNELWAR; DEJOURS, 2005).

Os riscos estão presentes em todos os locais de trabalho e em todas as demais atividades do ser humano, comprometendo a segurança das pessoas e a produtividade (ROSSI; CONTRERA-MORENO, 2006). No intuito de minimizar ou alterar esses riscos, a vigilância em saúde do trabalhador possui papel fundamental. Segundo a Lei Orgânica da Saúde 8.080/90, a saúde do trabalhador é entendida como um conjunto de atividades que se destina à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho (BRASIL, 2004). Nesse contexto de riscos ocupacionais, a saúde do trabalhador, enquadram-se os agentes comunitários de saúde, que são profissionais que integram a Equipe de Saúde da Família, auxiliando as pessoas a cuidarem da própria saúde, por meio de ações individuais e coletivas (OLIVEIRA; NACHIF; MATHEUS, 2003).

A Saúde da Família vem sendo implantada em todo o Brasil como uma importante estratégia para reordenação da atenção à saúde, conforme preconizam os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), uma vez que prioriza as ações de promoção, proteção e recuperação da saúde de indivíduos e famílias, de forma integral e contínua (ROSSI; CONTRERA-MORENO, 2006). Desde a institucionalização do Programa de Agentes Comunitários de Saúde em 1991, pelo Ministério da Saúde, estes agentes se transformaram em força de trabalho imprescindível para a implantação do SUS em seus princípios básicos de universalidade e integralidade. O ACS é um profissional conhecedor da realidade local, pois reside na comunidade em que trabalha. A função desse profissional

é a realização do diagnóstico demográfico e sócio-cultural da comunidade; a promoção de ações de educação para a saúde individual e coletiva; o registro, para fins exclusivos de controle e planejamento das ações de saúde, de nascimentos, óbitos, doenças e outros agravos à saúde; o estímulo à participação da comunidade nas políticas públicas voltadas para a área da saúde; a realização de visitas domiciliares periódicas para monitoramento de situações de risco à família; e a participação em ações que fortaleçam os elos entre o setor saúde e outras políticas que promovam a qualidade de vida (BRASIL, 2006). No exercício desta atividade, os ACS's têm enfrentado algumas dificuldades e percalços nas condições de trabalho, algumas de natureza física e outras de natureza sociais e políticas referentes à realização de suas ações junto à comunidade (BASTOS, 2011).

Em pesquisas realizadas, autores identificaram diferentes cargas de trabalho aos ACS's, entre elas cargas físicas, químicas, orgânicas, mecânicas, biológicas e psíquicas. As cargas de trabalho são demandas psicobiológicas do processo de trabalho, e podem gerar ao longo do tempo, as particularidades do desgaste do trabalhador, constituindo elementos que consomem a força de trabalho ou desgastam as capacidades vitais do trabalhador. Em geral, a sobrecarga de trabalho é causa de danos à saúde do trabalhador (TRINDADE et al., 2011). Essas cargas podem ser identificadas e exemplificadas pelas cargas físicas, que são representadas pela exposição ao calor, frio e umidade conforme a mudança climática, odores provenientes de esgotos e valas e condições de higiene ambiental e das moradias; as cargas químicas que incluem fumaça e poeiras; entre as cargas biológicas estão os contatos com pessoas portadoras de doenças infecto-contagiosas, águas e alimentos contaminados e ambientes; as cargas ergonômicas são referidas como longas caminhadas, carregamento de pastas e mochilas pesadas e períodos de pé; e as cargas psíquicas destacam a presença de animais perigosos (cachorros, cobras, entre outros) e risco de agressão por membros da família. (TRINDADE et al., 2007).

Frente à complexidade do trabalho do agente comunitário de saúde e aos evidentes riscos ocupacionais a que esses profissionais estão expostos, esse trabalho objetivou identificar os principais riscos à saúde no trabalho dos ACS's do município de Alto Caparaó (MG).

I – Material e métodos

Trata-se de uma pesquisa transversal, com abordagem quali-quantitativa realizada na primeira quinzena do mês de maio de 2011, em que foram aplicados 11 questionários aos agentes comunitários de saúde dos PSF's Vale das Hortências I e II do município de Alto Caparaó, tendo como critério de inclusão, aqueles

com mais de um mês de trabalho como ACS. O município em estudo conta com o trabalho de 12 agentes comunitários de saúde, divididos de igual maneira entre duas equipes de PSF. Diante disso, ressalta-se que foi abordada 100% da amostra. Os dados foram coletados através de um questionário, semi-estruturado, composto por 11 questões combinando perguntas abertas e fechadas, que serviram de subsídio para análise de dados e discussão do mesmo. Os entrevistados receberam informações pertinentes sobre os riscos à saúde de ACS e maneiras de preveni-los. Informações detalhadas sobre os objetivos da pesquisa, à autonomia individual, a privacidade, a confidencialidade das informações e de que os resultados seriam utilizados exclusivamente para fins científicos foram passadas aos ACS's. Assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo preservada a identidade dos sujeitos da pesquisa, dentro dos aspectos éticos definidos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sobre a pesquisa com seres humanos (BRASIL, 1996).

II – Resultados e discussão

Da amostra analisada, 81,8 % eram do gênero feminino e 18,1% eram do gênero masculino, na faixa etária entre 21 e 27 anos, e tempo de trabalho como ACS entre 6 meses e 3 anos. Ao ser questionado com relação ao trabalho afetar, ou não a saúde, 100% dos participantes afirmaram que o serviço de ACS traz prejuízos a saúde, sendo mencionados como agravos, a exposição solar, a exposição a microorganismos patogênicos pelo contato direto e indireto com pessoas, o risco de ataque por animais, uso de mochilas com peso elevado, o estresse e o desgaste físico e mental.

Foram abordados se, após o início do trabalho como ACS, se apresentaram alguma afecção, e 27,2% disseram que sim, citando dores nas costas, pneumonia, pielonefrite, gripe e conjuntivite como doenças adquiridas. Ao serem indagados sobre a ocorrência de acidentes de trabalho, 90% dos entrevistados afirmaram nunca terem tido qualquer tipo de incidente no período de trabalho. Com relação aos principais riscos à saúde que esses trabalhadores estão expostos, obtiveram-se como resposta principal as doenças infectocontagiosas, mas também foi citado o câncer de pele, o ataque de animais e a exposição à poeira.

Os ACS's foram questionados sobre o recebimento de orientações com relação à prevenção de acidentes de trabalho, e 72,7% relatam não receber tais informações, sendo que apenas 27,2% afirmaram ter recebidos orientações. Foi perguntado aos entrevistados se o horário de trabalho é suficiente para a realização das tarefas que lhes são incumbidas, 63,6% responderam “às vezes”, 27,2% “sempre” e 9% relataram “nunca” o tempo ser satisfatório. Esse dado é

de grande importância, visto que, pelo fato dos ACS's terem metas de trabalho a serem cumpridas, a falta de tempo para a realização de suas atividades diárias gera um grande desgaste psicológico. A amostra analisada classificou as condições ambientais de trabalho com relação a recursos financeiros, equipamentos, transporte e local de trabalho, 63,6% afirmaram ser "razoável", 18,1% ser "bom" e 18,1% relatou ser "ruim". Ao serem indagados sobre a realização de atividades estressantes durante o dia-a-dia de trabalho, 54,5% responderam que sempre realizam atividades que geram estresse e 45,4% afirmaram que apenas "às vezes".

É sabido que o trabalho como agente comunitário de saúde, cria uma sobrecarga emocional muito grande. É um trabalho que ocasiona desgaste físico e mental por todas as atividades e cobranças que são impostas a esses trabalhadores.

Os entrevistados foram questionados sobre o recebimento de informações com relação às vestimentas e os equipamentos de proteção individual para o trabalho (como por exemplo, camisa de manga comprida, calçado fechado e confortável, uso de meia de compressão, protetor solar e boné); 72,7% da amostra afirmaram nunca ter recebidos orientações sobre esses cuidados e apenas 27,2% relataram o recebimento de tais informações.

E por último, os ACS's foram indagados se consideram terem qualidade de vida no trabalho, e apenas 27,2% da amostra afirmaram estarem satisfeitos com o trabalho, contra 72,7% que negaram esse fato.

III – Conclusões

Este estudo possibilitou analisar os riscos à saúde dos agentes comunitários de saúde da cidade de Alto Caparaó, atendendo, assim, aos objetivos a que se propôs a pesquisa. De acordo com o conteúdo exposto, conclui-se que muitos são os riscos aos quais esses trabalhadores estão expostos e que estão relacionados principalmente aos riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e psicológicos existentes no ambiente de trabalho.

Os participantes da pesquisa consideram que o trabalho como ACS traz prejuízos para a saúde, e alguns entrevistados afirmaram ter adquirido doenças após o início das atividades nessa área de atuação. A maioria da amostra relatou nunca ter sofrido acidente de trabalho, porém esse dado pode ser questionado, pela falta de informação com relação ao que seja de fato, um acidente de trabalho.

Os participantes identificaram como um dos principais riscos à saúde, a que eles estão expostos, as doenças infectocontagiosas. Fato alarmante é que a grande maioria dos pesquisados relatou nunca ter recebido orientações com

relação a meios de prevenção aos acidentes de trabalho, e também não teve informações a respeito do uso de equipamentos de proteção individual. A pesquisa mostrou que a maior parte dos entrevistados afirmou que o tempo de trabalho quase sempre é suficiente para o cumprimento das atividades que lhes são de responsabilidade e que os participantes consideraram razoáveis as condições ambientais de trabalho, dados estes importantes visto que é fator imprescindível que a carga horária de trabalho seja suficiente e que o ambiente seja agradável e harmonioso. Porém, grande parte dos ACS's considera não ter qualidade de vida no trabalho, pois se sentir satisfeito e feliz no trabalho para o enfrentamento dos obstáculos do dia a dia é de suma importância. Assim, de um modo geral, mostra-se a necessidade da elaboração de ações de educação continuada que tenham como propósito informar e esclarecer esses profissionais com relação a todos os riscos à saúde que esses trabalhadores estão expostos, assim como, mostrá-los formas de minimizar ou evitar tais riscos.

Referências

BASTOS, Iolanda Lúcia Gonçalves. **Os agentes comunitários de saúde força de trabalho essencial no SUS: os riscos e dificuldades no exercício da profissão.** 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/26784/1/Os-agentes-comunitarios-de-saude-forca-de-trabalho-essencial-no-SUS-os-riscos-e-dificuldades-no-exercicio-da-profissao/pagina1.html#ixzz1UCxwhnIH>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

BRASIL. Lei n. 11.350, 5 de outubro de 2006. Regulamenta o § 5º do art. 198 da Constituição, dispõe sobre o aproveitamento de pessoal amparado pelo parágrafo único do art. 2º da Emenda Constitucional nº 51, de 14 de fevereiro de 2006, e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília, 2006.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras sobre pesquisa envolvendo seres humanos.** Resolução 196. 1996. Brasília: CNS; 1996.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. **Política Nacional de Saúde do Trabalhador.** Brasília, 2004.

LANCMAN, S; SZNELWAR, L. I.; DEJOURS, Christophe. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 984-990, maio/jun. 2005.

OLIVEIRA, Raquel Gusmão; NACHIF, Maria Cristina Abraão; MATHEUS, Marina Lopes Fontana. O trabalho do agente comunitário de saúde na percepção da

comunidade de Anastácio, Estado do Mato Grosso do Sul. **Acta Scientiarum Health Sciences**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 95-101, jun./ 2003.

OIT (Organização Internacional do Trabalho). **Panorama laboral 2004**. Lima: OIT/Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2004.

PORTO, M. F. S. **Análise de riscos nos locais de trabalho**: conhecer para transformar. Cadernos de Saúde do Trabalhador. São Paulo: Kingraf, 2000.

ROSSI, Degmar Aparecida Netto; CONTRERA-MORENO, Luciana. Riscos á saúde no trabalho do agente comunitário de saúde de Sidrolândia, MS. **Ensaio e Ciência**, Campo Grande, v. 10, n. 3, p. 191 - 200, dez./2006.

TRINDADE, Letícia de Lima et al. **Os desafios no trabalho do agente comunitário de saúde**. Disponível em: <www.abennacional.org.br/2SITE/Arquivos/n.083.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2011.

TRINDADE, Letícia Lima et al. Cargas de trabalho entre os agentes comunitários de saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 473-479, dez. 2007.